

PAULO SCOTT

Ithaca Road



Copyright © 2013 by Paulo Scott

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A coleção Amores expressos foi idealizada por RT/ Features

Capa

Retina 78

Foto de capa

<completar>

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Marina Nogueira

Marise Leal

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scott, Paulo

Ithaca Road / Paulo Scott. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2269-1

1. Ficção brasileira 1. Título.

13-03582

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

A canção do Lonely Drifter Karen programada no toque musical pras chamadas de Trixie acorda Narelle. Seis e quarenta e quatro da manhã no visor do iPhone. “Que bom que você já está acordada. Estou ligando pra dizer que a gente vai ter que adiantar em uma hora e meia a mudança das suas coisas lá de casa. Conseguí um horário na oficina pra levar o carro. Ontem começou a fazer um barulho sinistro na caixa de câmbio e não tá engatando a terceira. Estou com receio que estoure de vez, como estourou no meio do ano passado.” O volume do aparelho está altíssimo. “O.k., Trixie... Que horas pretende passar aqui?” Puxa um dos travesseiros, apoia a cabeça. “Daqui a, no máximo, uma hora. Pode ser?”, pressionando como só ela sabe pressionar. “Eu... hã... Não quer mesmo deixar pra depois?”, Narelle diz. “Acho mais garantido fazer essa mudança logo... porque senão vira lenda, você sabe como essas coisas de entregar imóvel são delicadas, tenho que mandar pintar a casa pra devolver no fim da semana que vem e antes tenho que dar um jeito naquela infiltração da parede da cozinha porque esse foi o acordo com o

proprietário...” E Narelle a interrompe. “O.k., Trixie, o.k. de verdade, passa aqui em uma hora, vou estar mais do que pronta”, sabendo que não estará de fato mais do que pronta e que não teria que se preocupar com nada disso caso pedisse pra não receber, ao menos por enquanto, as roupas e livros e materiais esportivos que afinal são seus e assim deixar de liberar duma vez espaço na casa alugada, cujo contrato foi rescindido de comum acordo entre Trixie e o proprietário por razões que Narelle não fez a menor questão de conhecer. “Olha, já encaixotei tudo, é só colocar no carro e descarregar aí.” “Certo. Vou te esperar. Beijo”, e desliga. Levanta-se, abre a janela do quarto, contempla a ausência de circulação de carros e pedestres lá fora, tendo bem claro que esse lá fora significa (apenas em menor extensão) esta cidade e país, este lugar de resistência, de geografia insular, onde as flores nativas não têm perfume, onde a dedicação europeia saturou paraísos litorâneos, um posto avançado da Terra do Nunca, empresa do império, ódio contra as consuetudinárias inglesas, corridas do ouro, febre do ouro, a tolerância acuada em relação aos asiáticos, um deserto que matou aventureiros de todas as épocas, lá de ovelhas, carvão, minério de ferro, o pragmatismo que fez surgir e aprimorou o nado crawl, a teimosia que levou à vinicultura, garotos japoneses e chineses, legítimos japoneses e chineses, elétricos e desaforados vestindo plushes coloridos, escarrrando salmoura por onde passam, entrando com suas pranchas de poliuretano sujas de areia nos ônibus lotados nos fins de semana, o churrasco de canguru oferecido a preços exorbitantes a turistas ansiosos pelo mais pitoresco, diabos-da-tasmânia criados pra se engalfinharem até a morte em rinha clandestinas, adolescentes encorpadas com seus timbres graves e seu caminhar impávido movimentando minissaias curtíssimas e saltos quinze nas baladas de sábado, arrestos, inundações, a primeira a ser fundada, a mais cosmopolita, o lugar do Opera House e da famosa praia

de Bondi, em cuja areia boa parte dos jovens bem-nascidos ao redor do mundo (jovens que conseguem tempo e dinheiro pra manter frequência nas praias e o esbanjamento dos esportes radicais) sonha em enterrar os pés e aproveitar. Então se apoia no parapeito da janela e, na perspectiva de quem está no terceiro andar, olha pra baixo, pro pequeno gramado que há na frente daquele edifício número seis da Ithaca Road, e em seguida pras nuvens, que também são parte da cidade e do país. “Olá, Senhor Mais Um Dia Nublado.” Começa a abrir as janelas das outras peças do apartamento de Bernard. Cobra-se por ainda não tê-lo faxinado e arrumado do jeito que irmãs deveriam fazer pra irmãos mais velhos com problemas financeiros anunciados de última hora e precisando muito de ajuda a ponto de, alegando não ter mais ninguém a quem recorrer, tê-la feito voar às pressas no último sábado da Irlanda pra Austrália pra substituí-lo na administração do Paddington Sour, seu bar-restaurante na badalada Oxford Street, uma aventura que lhe custou as economias dos anos em que foi um dos gerentes regionais de marketing do Bank of New Zealand mais uma casa de duzentos e vinte metros quadrados numa das melhores áreas residenciais de Auckland, um casamento que já não ia bem e uma caminhonete dessas parecidas com veículos de guerra de cuja marca Narelle nem sequer se lembra, enquanto ele, deixaria a cidade, como de fato deixou há menos de trinta horas, voando pra Auckland atrás de dinheiro pra impedir que o barco afunde. Recolhe as canecas e xícaras que foi espalhando pelo apartamento sem ter bebido todo o café que servira, despeja o líquido na pia, ajeita-as junto aos pratos e talheres na lavadora. Fecha a tampa, liga a máquina. Diferentemente do que ocorre nos outros lugares nos quais se hospeda, onde passa um tempo maior e chega a ter quarto exclusivo como o de vinte e poucos metros quadrados com vista que sublocava, a preço irrisório, na casa alugada por Trixie, tem a clara noção

de que este apartamento não é seu lugar e a caminho do quarto onde dormiu, como se não acompanhasse a lógica de labirinto que todo imóvel alheio tem, se dá conta de ter esquecido de pôr o detergente especial na lava-louça.

Vêm da oficina que fica sete quarteirões Bondi Road abaixo, onde, depois de ajudar Narelle a transportar seus objetos de Tamarama Beach até o apartamento da Ithaca Road, Trixie largou seu Golf Cabriolet modelo noventa e três pra ajustar o câmbio. Ela agora segue a amiga sem deixar que a distância entre as duas aumente; chamando a atenção das pessoas pelas quais passa com seu metro e oitenta, vestindo casaco de abrigo da seleção de futebol da Holanda numa cor laranja bem laranja e bermudão preto, forma a dupla exótica perfeita com Narelle. Ambas da mesma altura, mesma estrutura física, diferenciadas na coincidência pela cor da pele e do cabelo: Trixie, australiana, loura, pele clara, olhos azuis, Narelle, neozelandesa, cabelo castanho escuro, pele amarronzada de nativa maori, olhos pretos, maoris. E a conversa já sofreu reveses, agora é Trixie que está calada ouvindo Narelle argumentar. “Se a Lana te deixou é porque estava se sentindo sufocada. Tudo bem, Trixie. Relaxa. Você já abandonou tantas garotas, já fez tanta donzela sofrer. Você não é a vítima, nunca foi e nunca vai ser...”, e alça a amiga pelo braço, carregando-a pra dentro do Five Steps Coffee pra se banquear num Full Irish Breakfast, uma das especialidades da casa (Narelle é louca pelo Five Steps, já Trixie, como faz questão de dizer sempre que pode, odeia o lugar como odeia quase tudo em Sydney, porque vem de Perth, no outro lado da Austrália, e quem vem de Perth costuma ser bastante crítico em relação a Sydney pelo simples fato de que Sydney não é Perth; no entanto, foi em Sydney que Trixie arranjou o emprego que buscava: é produtora

executiva das exposições transitórias na Art Gallery of New South Wales há cinco anos e ganha muito bem por isso, o que não é mau). Cumprimenta entusiasmada os atendentes atrás do balcão, afinal foram três meses completos sem aparecer, pede o de sempre, diz pra não esquecerem os ovos fritos com as gemas moles e para beber pede um chá preto com leite, emendando que pra moça branca de ofuscar os olhos a seu lado, e lança um olhar provocativo na direção de Trixie (os atendentes são quase todos turcos de pele escura e sabem o que significa chamar alguém de branco de ofuscar os olhos), serão três fatias de queijo de cabra e duas torradas, cogumelos fritos no azeite, um chá verde e um copo pequeno de grapefruit, não importa se o suco for de caixa porque ela gosta assim mesmo, com gosto de papelão, forçando novo sorriso e perguntando se acertou. Trixie rebate com um segundo de careta estrábica e língua de fora, adiantando-se pelo corredor extenso e apertado da entrada, passando rente à parede pra não se esfregar nas pessoas que estão comendo em pé junto ao balcão. Subindo a escadaria de seis degraus ainda mais estreita que o corredor elas se dirigem ao segundo piso do Five Steps, metro e meio acima do nível da entrada, a área dos turistas, mochileiros vindos dos albergues que não incluem serviço de café da manhã, e clientes esporádicos. Trixie se detém diante do aparador de madeira à sua direita, mexe na pilha de jornais sobre o tampo e só consegue os da véspera. Narelle observa segurando a risada, sabe que embora os donos do Five Steps comprem diariamente um exemplar do *Australian*, um do *Daily Telegraph*, um do *Sydney Morning Herald* é quase impossível encontrar uma edição do dia que não esteja de posse dos operários das obras sem fim ao longo da Bondi Road; interessados nas crônicas e resultados dos jogos, independente da modalidade, eles pegam tudo, pegam até os suplementos que não leem, e quando terminam de folhear fazem questão de entregar direto

nas mãos dos outros operários que estejam chegando, de modo que só é possível ter acesso aos jornais quando se vai ao Five Steps depois das onze. Trixie olha em volta como se houvesse a quem reclamar e desiste. Chegam ao terceiro piso, apenas dois degraus acima do segundo, onde ficam os habitués (dos tais operários monopolizadores dos jornais aos engomadinhos que trabalham nos escritórios do centro da cidade; dos velhos que entram apenas pra matar o tempo e ficam embromando com suas xícaras de café preto aos surfistas e nadadores da região que acordam cedo pra aproveitar o mar e as ondas pouco disputadas e passam no Five Steps pra encher o estômago antes de seguir pras outras atividades). Há duas mesas livres. Escolhem a maior, onde cabem quatro pessoas. Os pratos e talheres usados pelos que as antecederam ainda estão ali. Trixie levanta a mão, acena pras garçônetes. “Você não devia comer esse monte de gordura, Narelle. Não é bom pra sua psoríase...” Narelle tira da bolsa o computador, abre, liga. “Tenho seguido a dieta médica à risca. Hoje é dia de eu respirar. Desde que cheguei não parei um instante.” Fica olhando pro monitor enquanto a máquina inicializa. “Será que a senha continua a mesma?” A garçonete traz as canecas com os chás, deixa num canto da mesa. “Sim. Continua”, e vibra com os punhos cerrados no ar. “Sua infantiloide”, Trixie diz. A garçonete limpa a sujeira, recolhe tudo o que não será utilizado, ajeita sobre o tampo duas toalhas de papel estilo jogo americano, pede licença, sai. Logo em seguida, numa rapidez que impressiona Narelle, chegam os pratos e as outras bebidas. (Narelle tende a começar pelas salsichas de porco, só depois vai pras torradas com ovos fritos, bacon e cogumelos, e então ao feijão e à morcilha, o pudim preto do qual Trixie, já disse outra vez, sente verdadeira repulsa.) Antes de enfiar o primeiro pedaço na boca, Trixie pega firme em sua mão, a que está segurando o garfo, mas Narelle reage. Narelle intui o que Trixie dirá, o problema é que

Trixie não tem ideia do impacto psicológico da doença, dessa doença que se manifestou pela primeira vez como a do tipo comum, depois em crises de gravidade média, irregulares e espaçadas, acompanhadas de dores nas articulações, e então, exatamente na semana em que completaria vinte e um anos, na forma mais agressiva, se espalhando por todo o corpo, inclusive no rosto; a possibilidade de recorrência da doença é um de seus maiores pesadelos, porque não há controle, apenas paliativos em geral sem eficácia. “Quantas vezes eu já disse: não quero sermão pra cima de mim. Contra a psoríase as únicas coisas infalíveis são a luz do sol e a cabeça tranquila. Por cabeça tranquila... céus, vou morrer repetindo isso... entenda-se: não se envolver afetivamente com ninguém, não dar satisfações a ninguém, não exigir satisfações de ninguém, não sofrer por ninguém, não fazer o outro sofrer e, acima de tudo, não se culpar. O resto é placebo.” Trixie a libera. “Que seja então”, e se volta pro seu prato de comida. Narelle come mais rápido do que Trixie, não toca no chá com leite. Olhar grudado no monitor do laptop, acompanhando as postagens de sua sócia, Daisuki, que vive em Londres; as duas pesquisam estampas pra vender a estilistas das grandes grifes em Nova York, eventualmente Paris. De tempos em tempos, Narelle viaja pelo interior da Nova Zelândia, Austrália, Inglaterra, da Escócia e do País de Gales atrás das tais estampas, de padronagens surgidas na maioria das vezes da mera adaptação gráfica dos tecidos que no final do século dezenove e início do vinte faziam sucesso nos grandes centros da moda mas que, por não replicarem com exatidão os matizes e parâmetros das originais, se tornaram composições singulares, com justificativa e gabarito únicos. Há um roteiro preestabelecido de cidades e regiões e há também um roteiro de gestos e frases que ela desenvolveu pras aproximações. Depois da abordagem (quando a pessoa visitada admite uma desconhecida em sua casa bisbilhotando e admite

mostrar o que tem), a aquisição é simples: se não consegue persuadir a dona da peça a vendê-la, tenta conseguir um pedaço que revele o padrão ou deixa um valor em dinheiro e faz um contrato de empréstimo pra poder levar a peça, copiá-la em equipamentos de alta resolução e fidelidade e depois devolver pelo correio. Nesse seu negócio, como em qualquer outro negócio, a boa reputação, mesmo sendo construída aos poucos, faz toda a diferença. Uma pessoa indica outra que indica outra que indica mais. Em alguns casos o fato de Narelle ser neozelandesa mestiça de māori com europeu ajuda, noutros dificulta. Lidar com estranhos foi sua oportunidade pra conhecer melhor as pessoas: já houve quem a expulsasse e quem lhe desse de graça as melhores peças de tecido imagináveis e quem caiu em prantos e quem a acusou de furto e quem tentou beliscá-la e quem tentou beijá-la sem dar justificativa alguma e quem arrumou as malas e pediu pra ir embora com ela. Nem todas as interlocutoras percebem de fato o significado dos tecidos que possuem, nem todas entendem a lógica da avaliação. Há os desenhos corriqueiros mas que nunca perdem o charme, os imediatos, que preponderam sobre tudo ao redor mas que passado um tempo se apagam, há os que se occultam e só depois se revelam. Predizer tais atributos exige experiência, e o acervo que vai se acumulando em três mil amostras se torna um organismo no qual não se consegue mais encontrar particularidade. À medida que o gosto eficiente das duas foi ganhando renome, a garimpagem e, sobretudo, a negociação das estamparias com as marcas relevantes, estrelas da revista *Vogue* e de suas concorrentes, foram dando a Narelle e Daisuki fama de especialistas exitosas na recomendação do que funciona na produção de cenários, exposições, instalações, estandes, do que produz bom resultado quando se trata de tecidos e há pouco tempo e baixo orçamento. Por isso Trixie as contrata com frequência, em especial Narelle, pra trabalharem por demanda dando con-

sultoria à Art Gallery, e por isso Daisuki, quase sempre solicitando a parceria de Narelle, é constantemente chamada por galerias londrinhas pra consultoria semelhante. Então Daisuki pergunta quando ela voltará pra Londres, e Narelle, com paciência que até agora não teve, informa o que aconteceu. Depois que Jörg apareceu de surpresa em Londres na semana passada e lhe deu uma passagem pra encontrá-lo em Dublin na quinta-feira porque precisava falar com ela e com o irmão dele juntos, irmão esse que trabalha como consultor no Google e não teria como se afastar do trabalho pra encontrá-los em Londres, Narelle foi a Dublin e na própria sexta-feira recebeu uma ligação de Bernard pedindo que viesse a Sydney o quanto antes pra tomar conta do Paddington Sour. Narelle diz a Daisuki que desgraça nunca vem sozinha e que terá de ficar ali controlando o restaurante por duas semanas, duas semanas no máximo. Daisuki a censura por não ter lhe dito nada. Narelle argumenta que só hoje, quarta-feira, conseguiu parar pra pôr em dia suas coisas pessoais. Daisuki pergunta se foi tudo bem em Dublin com Jörg. Narelle desabafa: em relação a Jörg tudo está mais estranho do que nunca. Prefere não falar a respeito porque ainda não entendeu o que houve. Daisuki propõe a Narelle que se programe pra irem juntas a Nova York desta vez, que será daqui a vinte e seis dias. Narelle diz não ter nada pra fazer em Nova York. Trixie se atravessa e tecla um tudo bem, japa assanhada?, Narelle a empurra e volta a escrever, comenta que Trixie está numa daquelas suas típicas crises de abandono repentino. Daisuki pede pra Narelle mandar Trixie botar um pau de verdade na boca e gargarejar. É a vez de Trixie empurrar Narelle e enviar um vai atender seus clientes do prostíbulo russo aí e cala a boca. Narelle volta e diz que Trixie está mesmo operando no modo inflamar o ambiente. Daisuki diz estar com saudade da branquela estivadora bunda grande e que vai interromper a conversa porque o angolano tesudo e totalmente

garanhão que marcou com ela acaba de chegar. Gargalhando das vulgaridades que as três fazem questão de cometer quando se juntam ainda que virtualmente, Narelle olha na direção da entrada do Five Steps no exato momento em que Justin está passando pelo tal corredor estreito onde os outros lancham em pé. Enquanto ela se despede de Daisuki, Justin se aproxima, dá um bom-dia impessoal, embora faça meses que não vê Narelle, e mostra a capa do *Sydney Morning Herald* com a chamada em letras garrafais BLACK TUESDAY fazendo referência ao dia anterior, quando foi registrada a maior queda da bolsa australiana em duas décadas, e aos bilhões de dólares que evaporaram com as vendas apressadas de ações, ao fato dos consultores das maiores corretores estarem alarmados e convencidos de que se trata do ensaio do fim do mundo, à situação até mais desesperadora das bolsas asiáticas e à interrupção do sistema eletrônico por vinte e cinco minutos na tentativa de conter as vendas, ao fato de George Soros, quebrando a frieza habitual, ter declarado que o mundo está entrando oficialmente na maior crise financeira desde o fim da Segunda Grande Guerra e à revelação de que a crise no setor de financiamento imobiliário nos Estados Unidos já arrastou perto de seis trilhões de dólares do mercado mundial de ações e não há previsão concreta de que o processo de perdas seja estancado num curto prazo. Justin senta à mesa entregando que perdeu um bom dinheiro com as aplicações na bolsa e, com seu jeito egocêntrico de falar dos outros pra na verdade falar de si, conta o que aconteceu com grandes amigos seus, uma gente promissora que neste momento deve estar sofrendo tanto quanto ele. Narelle e Trixie se olham preocupadas, não tiveram nem sequer a chance de lhe dizer um olá, sabem que se não fizerem algo imediatamente aquela minidominação do universo de Justin não terá fim. (Justin nem deveria estar ali, o Five Steps não consta do itinerário que inicia na casa onde ele mora em Tamarama e termina na

imobiliária de imóveis de luxo em Randwick onde trabalha há três anos num cargo de gerente-empregado-associado que ninguém entendeu ainda exatamente o que é.) Narelle pergunta se ao menos ele continua sensualizando no circuito de festas cuja chave mestra ela sabe que só ele tem, porque Justin tem mesmo essa fama de estar em todas as melhores baladas e flertar impune com os donos da cidade e com o submundo da cidade ao mesmo tempo. Ele diz com toda a frieza que vai ser mais difícil agora que o ex-vizinho famoso dele, o Heath Ledger, morreu. As duas perguntam como assim o Heath Ledger morreu. Justin conta que acabou de ouvir no rádio do carro, coisa de dez minutos. Overdose de remédios pra dormir, disseram. Essa história de interpretar o Coringa e o Bob Dylan ao mesmo tempo e de ser tão auto-critico, tão autossuficiente, tão perfeccionista e perfeito, essa história de lutar contra a máquina de fazer dinheiro que é Hollywood. “Não deve ser fácil viver pra Hollywood”, diz com pesar convincente. Narelle abre a página eletrônica do *New York Times*: HEATH LEDGER MORREU. Muitas manchetes, muitas conjecturas. Justin retoma o assunto das baladas, é sua maneira de mostrar à audiência o quanto é versátil, conta que voltou a frequentar aquele bar na esquina da Oxford com a Hopewell, o New Paddington Inn, a poucas quadras do Paddington Sour, dando a entender que o New Paddington Inn caiu nas graças da sua turma de Woollahra (reza a lenda que Justin só deve *fidelidade* à turma de Woollahra), diz que Narelle precisa ir até lá com ele um dia e, sem que nenhuma das duas possa interagir por causa do estado de choque e do fato de Justin falar sem interrupções, que ela, em momento algum se refere a Trixie, tem que conhecer o novo DJ contratado da casa, um tal Kidids, um geek com uma capacidade absurda de pesquisar o que de melhor surge a cada semana no mundo da música. As duas deixam que fale por mais uns minutos. Daí Trixie o intima. “Olha pra mim, Jus-

tin. Presta bem atenção. Ou você cala essa boca agora ou troca de mesa. Certo?” O silêncio dura mais que o razoável. “Entendi, Trixie.” A garçonete traz o Aussie Breakfast que ele pediu. “Ingra, por favor, você pode deixar numa outra mesa...”, sem tirar os olhos de Trixie. “Pensando melhor, não, Ingra...”, diz, agora segurando a garçonete pelo braço, “pode levar de volta. O moço aqui... ops, desculpe... a moça aqui acaba de me expulsar do restaurante... e como sou um cara obediente...”, tira cuidadosamente a parte do seu jornal que ainda está nas mãos de Trixie, põe duas notas de dez dólares na mão de Ingra e se levanta. “Então”, olhando contrariado pra Narelle. “Um dia, quem sabe, eu explico a sua parcela de culpa no que acaba de acontecer aqui, Narelle.” “Olha, Justin, a gente não queria...” Enquanto Narelle tenta falar, Justin lhe diz um nos batemos por aí, neozeelandesa, vira as costas, sai. “Deixa, Narelle...”, Trixie fala com indiferença, “Justin não passa de um equivocado. Acha que tem o direito de fazer o que quer o tempo todo”, empurra a xícara na sua direção, “e pelo amor de Deus, menina, toma um gole desse chá antes que esfrie.” Narelle obedece, depois encara Trixie e, sem dizer nada, arregaça as mangas da blusa, mostra as lesões avermelhadas rodeando as escamações nos punhos, nos antebraços, nos cotovelos, levanta a camiseta, mostra a barriga e a cintura tomadas; a psoríase está ali, quieta, ardendo, de volta.

Na fração do mundo do skate que é o mundo do skate de Narelle não importa quem vai completar a manobra ou vai se quebrar feio no chão, quem possui a melhor técnica, quem é o top dos tops. É pouca a diferença de comportamento entre os caras e as meninas, os caras não se incomodam de esperar a vez, é raro um deles se atravessar, correr na frente como no surfe. No surfe, os caras não são tão legais quanto os caras do skate, talvez

porque cada onda tenha seu movimento único e isso gera o conhecido desespero do eu preciso muito pegar essa daí. No skate o ambiente não se desloca, a pista é concreto armado. A maioria esmagadora dos frequentadores do Skate Park de Bondi Beach é bem mais jovem que Narelle; ela não liga, fala com os meninos como se fosse da idade deles. São autênticos cavalheiros: reativos, impulsivos, ainda desconhecendo o lado perverso da masculinidade. O mundo do skate tem essas paradas de rodas, eixos, rolamientos, parafusos, tábuas longas, tábuas street, old school, de manobras, pra decolagens, pra downhill, lixa de aderência extra, lixa pra andar descalço, lixa de passeio, as cores, as ilustrações, os tombos, as escoriações, os eventuais pontos tomados no hospital quando o sangramento não estanca, as talas, as canaletas, o gesso. No item tombos há o subitem ficar longe dos tombos, nesse sentido nada é mais prazeroso que vitrine de loja de skate (mesmo se a loja estiver dentro do luxuoso shopping Westfield de Bondi Junction) e, mais ainda, quando nela estiver exposta a nova coleção de tábuas série especial da marca californiana Santa Cruz. Impossível não adorar, e é o que Narelle está fazendo neste minuto quando Trixie a empurra e diz que deveria estar namorando bolsas e sapatos e não disputando espaço com garotos de treze anos diante de vitrine de loja de skate. Narelle sequer se mexe. “Vai levar uma dessas tábuas ou não?”, Trixie pergunta. “Não consigo decidir”, desarmada. “Elas são todas muito lindas, muito lindas mesmo.” Trixie leva as mãos à cabeça. “Que diferença faz? Ficam viradas pra baixo quando você anda...” O velho ruído de sempre. “Você nunca vai entender, Branquela”, rodeando conversa, usando frases que já foram usadas e ainda serão usadas outras tantas vezes. “Um esporte em que é essencial cair e se quebrar... Não, não quero entender nunca, obrigada... Sou disposta, mas não a tanto.” Narelle volta a olhar a vitrine. “Se pudesse comprava todas.” Trixie consulta as horas de novo. “Então... daqui

a pouco tenho que ver se o carro ficou pronto.” Narelle percebe que a paciência da amiga se esgotou. “Até o fim de semana eu decido qual destas vou comprar.” Trixie puxa-a pela mão. Saem pelo braço leste do shopping. “Cara, chega de dar voltas. O que é que você tá querendo me falar? Nunca te vi assim tão vacilona, juro”, Trixie toma a iniciativa. “Incertezas, meu senhor. Incertezas que devem ser vividas em segredo, meu senhor, idolatrado senhor, senhor...”, e ri. “Então é incerteza isso de você não parar de mexer no bolso direito dessa sua calça?” Caminham mais alguns metros. Narelle tira do bolso um pequeno estojo azul e, como se aquele objeto fosse um isqueiro, abre a tampa, mostra o anel. “Jörg...” Trixie não espera. “Meu Deus do céu, eu sabia...” Narelle balança a cabeça. “Ele me deu em Dublin”, revela. “Austríaco filho da puta... O que posso dizer? Pedido de casamento... Essa aliança deve valer uns quatro mil dólares”, largando a mão da amiga pra pegar a caixinha. “E onde ele está agora?”, pergunta. “Está no Brasil, vai ficar vinte e tantos dias por lá. Está escrevendo uma matéria sobre o lado obscuro da mineração de ferro...”, respira preocupada, “ele recebeu umas pistas no final do ano passado e agora conseguiu dinheiro pra correr atrás de informações, de provas.” Trixie conserva o olhar em Narelle. “Você vai aceitar esse pedido de casamento, Narelle? Quer dizer, se for mesmo um pedido de casamento...” Narelle pega o anel de volta e guarda no estojo, colocando em seguida o estojo no bolso. Uma turma grande de meninos com uniforme escolar de educação física passa por elas, o professor adverte que não ponham os pés fora da calçada, os carros engarrafam a rua na direção bairro-centro, um homem coça a nuca enquanto estuda a grama do campo de críquete da região, e dentro da bolsa de Narelle a música do grupo eletrônico Plaid pras chamadas feitas por números que não estão na sua lista de contatos do celular toca. Atende, e uma voz masculina com leve sotaque americano se apresenta

como Bruce, administrador e síndico nomeado pela Justiça do estado de New South Wales, comunica a abertura de um processo de falência contra Bernard e, antes que Narelle possa se manifestar, adianta que tendo ela ficado no lugar do irmão, mesmo que não tenha responsabilidade formal sobre o Paddington Sour, será quem responderá pelo estabelecimento comercial perante o Poder Judiciário até que ele volte de Auckland, mesmo que essa substituição pareça estranha, a substituição é o que a lei autoriza e impõe até, pede que o encontre às duas e meia no restaurante pra começarem o inventário do patrimônio, informa que depois terá de visitar o apartamento da Ithaca Road pra fazer a mesma coisa, diz pra não se preocupar, pois ele estará devidamente identificado, diz que tentará ser o mais discreto possível, que seria melhor ela não se atrasar e, a partir daquele telefonema, por razões óbvias, não cogitar em sair da Austrália.

Estacionam em frente ao prédio na Ithaca Road. Trixie diz que tão logo Narelle desça do carro voltará à oficina e gastará até a última gota de saliva que houver na sua boca gritando com aqueles vermes incompetentes que, sem dúvida, nem sequer tocaram na caixa de câmbio. É quando, porém, Narelle começa a falar abertamente. Trixie a escuta por minutos. Desliga o motor do carro e então refuta. “Sabe o que vejo nesse seu imbróglio com o Jörg, Narelle? É a mesma leitura de sempre. Vejo ele como alguém que nunca foi suficientemente legal contigo e nunca foi suficientemente legal com ninguém... Um cara de trinta e dois anos que sonha com os grandes prêmios do jornalismo mundial e, paradoxalmente, ou talvez nem tão paradoxalmente assim, está sempre precisando duma babá por perto pra segurar as questões práticas.” “Bem... e aqui vai a mesma resposta de sempre: você não conhece as motivações da carreira dele,

os riscos que ele corre quando vai atrás de informações e mais ainda quando publica... Sempre foi alta a taxa de assassinato de repórteres como ele... os que investigam de verdade... é contrainformação pesada, máfia industrial, suborno, chantagem, sumiços, assassinatos... Os assassinatos não são divulgados pra não entregar de bandeja que, no final das contas, é muito fácil, mais fácil do que parece, assassinar Clark Kent que se meta a incomodar os que realmente dão as cartas.” Trixie se inclina sobre o painel, olhando fixo na direção do Beare Park (a Ithaca é a via de acesso àquele parque cercado por edifícios residenciais que, pela vista privilegiada da Elizabeth Bay, se tornou ponto turístico de visitação obrigatória), gira a chave na ignição, engata a marcha com dificuldade, dirige até a vaga livre do estacionamento oblíquo à via que dá acesso ao píer de barcos. “Bem, já que pelo visto vamos ficar aqui, então que ao menos se aproveite a vista.” Narelle move o encosto do seu banco pra poder enxergar melhor a outra. “O.k., eu vou contar... Em Dublin, no sábado pela manhã, quando fomos à casa do irmão dele, ele entregou pra cada um dois envelopes pedindo que a gente guardasse em lugares seguros e só abrisse no caso de, nos próximos meses, ele deixar de ligar por mais de sete dias... nada de mensagens por e-mail ou celular, mas ligação mesmo, ligação que dê pra reconhecer sua voz. Isso porque ele recebeu três ameaças de morte nesse último mês... por conta duma matéria que fez no México ano passado, é o que ele acha, não tem certeza, porque... o México... é inacreditável... nesse clima de democracia que parece que eles estão vivendo... o México voltou a ser mais um dos lugares punks da América Latina...”, meditativa. “Contou que é a primeira vez que recebe uma ameaça de morte sem que exista uma relação clara, uma razão... Acho que foi isso que assustou ele... Não se fala impunemente das grandes empresas por tanto tempo como ele faz e se escapa ileso, sempre tem pressão, ameaças...”, percebe que está

se repetindo, é inevitável, “é mais seguro cobrir zonas de guerra do que mostrar o lado sujo da elite industrial, da...”, e para. “Você está contaminada de novo pelas teorias da conspiração do seu Clark Kent vienense”, Trixie sentencia, abre a porta do carro e sai. “Chega... Vem. Sente esse ar, neozelandesa. Foda-se o câmbio do Golf, fodam-se os malditos mecânicos... Tenho cinquenta minutos antes de chegar com folga na galeria pra uma reunião. Vamos até um banco ali. Vamos lá...” Narelle também deixa o carro. As duas caminham até o primeiro banco livre que encontram. Narelle espalha o acúmulo de água da chuva com as mãos, primeiro o lado de Trixie, depois o dela. “Tome o seu lugar.” Trixie obedece e senta de maneira a Narelle deitar com a cabeça apoiada em suas pernas. “Há quantos anos nós nos conhecemos, Trixie?”, com severidade. “Quase seis.” “Então acho que ainda não passamos pelo teste dos sete anos de amizade, não é?” Trixie ri, mas em seguida reprime o riso. “Isso é pra casamentos, Narelle”, contra-argumenta. “Não importa. Sete anos são sete anos.” “Se você está dizendo...”, conscientiosa. Narelle traça um sete no ar com o dedo indicador direito. “Pois é. Com o Jörg já passei com láurea pelos sete anos...” Trixie aperta a ponta do indicador de Narelle que continua em riste. “O.k. Já entendi”, Trixie diz. “Nem sempre as coisas são o que parecem. Sabe? Em março agora faz quatro anos que ele me pediu em casamento pela primeira vez... um pedido do tipo protocolar, não um pedido lacônico como esse.” Trixie se mantém inerte. “Não aceitei, mas propus um acordo, pedi que a gente virasse amantes, coisa que até então a gente ainda não era. Desses casais que não se veem com regularidade mas se veem sempre. Esquema tipo sempre que um quer trepar, apenas trepar, manda um SMS dizendo dia e local e o outro responde com sim ou não. Sim ou não, e mais nada. Isso de eu morar um tempo num lugar, um tempo noutro e dele estar sempre viajando... parecia a solução perfeita: contato

físico sem cobrança. Sem compromisso, sem explicações...”, respira fundo, “Jörg é o único cara que não me machuca quando a gente transa. Dá pra acreditar? Jörg, que segundo você é o rei do egoísmo, é o único cara que sabe esperar. Você sabe como as crises de psoríase me incomodam... acho que já te falei... na região... a pele fica mais fina... os lubrificantes me irritam... o desconforto dura semanas... Não é fácil...” Trixie a interrompe levando a mão ao peito da amiga e logo a retraiendo. “Você sabe que não entendo nada de penetração masculina”, diz em voz baixa. “Esse cara acha que carrega o mundo nas costas, acredite, não é pose, o Jörg, ele é louco mesmo”, Narelle diz entristecida. “Você acha que entre vocês dois o que existe é apenas amizade, Narelle, um acordo entre amantes realistas e maduros, mas não é”, Trixie assevera. “Você diz que não ama esse cara, mas está vinculada a ele há anos... A psoríase voltou porque você, a seu modo refratário, se importa com ele, sofre por ele.” Narelle senta no banco. “Olha aqui pra mim, Trixie. Tenho vinte e nove anos. Quatro faculdades iniciadas e abandonadas, uma carreira de modelo que nunca decolou porque, bem, o mundo das passarelas não foi feito exatamente pra uma magricela maori que sofre duma doença de pele sem controle... mil projetos que nunca saem do papel, uma vida afetiva de merda... uma rotina sexual que poderia ser resumida a botão de ligar e desligar... porque isso de conhecer os caras mais legais e ficar com eles só por uma noite ou duas e nunca mais deixar que cheguem perto não é normal. E daqui a pouco faço trinta... Trinta anos e nem sequer me sinto em condições de ajudar um irmão quando ele resolve precisar de mim pela primeira vez na vida. Trinta anos, e sem casa fixa, contando com a paciência das melhores amigas e dos pais, ocupando quartos extras, salas... Auckland, Sydney, Londres, Nova York, os quintos dos infernos...”, suspira. “Você acha que eu tenho condições logísticas e mentais pra sofrer por al-

guém?” Trixie se levanta. “Na real, ando pensando em voltar pra Auckland, arranjar um emprego, ficar por lá...”, diz Narelle, e percebe a garota de uns vinte anos bem em frente olhando firme na direção dela, preso em sua camiseta branca por quatro joaninhas, na altura do peito, há um desenho detalhado dum 49er (barco olímpico de alto desempenho com casco fechado tipo prancha de windsurfe e asas feitas em fibra de carbono, sólidas no lugar das telas, concebido especialmente pros Jogos Olímpicos de Sydney em dois mil) numa folha de papel A4. “Estamos na idade em que as mulheres compreendem que nunca terão o direito de envelhecer, Narelle...”, pondo a mão no ombro da amiga. “Por que está me dizendo isso?” Narelle não tira os olhos da garota. “Preciso ir andando...”, diz Trixie, deixando claro que foi até onde conseguiu ir. “Quer pegar o seu computador ali no carro, Narelle?” Narelle não responde, acena pra garota. E a garota desvia o olhar.

Embora Narelle tivesse avisado que só apareceria no Paddington Sour à noite, os funcionários não demonstraram surpresa ao vê-la chegando à tarde. Logo que entrou no escritório (e mal teve tempo de ligar o ar-refrigerado), o filipino de meia-idade chamado Nick, que faz as vezes de gerente de estoque, veio lhe dizer que um representante da justiça esteve ali pela manhã bem cedo querendo saber dela, perguntando seu nome, o grau exato de parentesco com o patrão, o número do seu celular, advertindo a todos que por estar cumprindo ordens judiciais ele mesmo a procuraria e avisaria, e que, justamente por estar cumprindo ordens oficiais, qualquer ação contrária a esse encaminhamento não seria bem interpretada. Narelle pediu a Nick uma jarra com água e começou a ler aos saltos os estudos jurídicos que conseguiu encontrar na internet. (Muita informação

imprecisa.) Há essa lei de falência de mil novecentos e sessenta e seis. Uma das providências mais importantes é listar o patrimônio, os rendimentos, depois é descobrir a quantidade exata de dívidas. Nem todos os bens são atingidos; a casa, o veículo, se o veículo for avaliado abaixo de certo valor, equipamentos domésticos, equipamentos da atividade de sustento daquele que faliu ficam de fora. As restrições podem durar três anos ou mais. Mesmo depois de resolvida a falência, a pessoa que faliu continuará identificada como tal, isso vai depender do seu comportamento, se foi do tipo esmerada ou displicente, de boa-fé ou de má-fé. Que tipo de falido será o Bernard?, ela se pergunta. Liga pra ele. O celular está desligado. O pai deles, um inglês irredutível, ex-assessor de Churchill nos seus últimos anos na Câmara dos Comuns no Parlamento inglês e que na idade de Narelle resolveu migrar pra Nova Zelândia atrás dum estudante maori que conheceu durante uma atividade combinada com o consulado da Nova Zelândia, conseguiu moldar dois filhos homens tão cheios de orgulho, incapazes de ceder a um desafio, que é de estranhar uma atitude como essa do irmão. Deveria ter cobrado dele uma justificativa mais convincente nas poucas horas que ficaram juntos três dias atrás. Lê por mais alguns minutos até que Nick bate à porta anunciando a chegada do síndico. Ela se levanta meio sem conseguir tirar os olhos da tela do laptop, segue o funcionário até o salão principal do restaurante. O rosto e a estatura do síndico não são muito diferentes do que ela imaginou, talvez ele seja um pouco mais atlético do que previu. Tem um crachá pendurado no pescoço e o segura de maneira não ostensiva, embora claramente com o propósito de se identificar. “Senhorita Narelle”, adianta-se. “Olá, senhor”, responde com a mesma formalidade. Apertam-se as mãos, e em seguida ele põe sua pasta sobre o balcão do bar, abre, tira o mandado judicial. “Preciso que a senhorita leia e assine a primeira via, a segunda fica com a senho-

rita”, pega a caneta que está no bolso de sua camisa e entrega a Narelle. “Não sei se posso...”, deixa escapar, enquanto se esforça pra vencer a diagramação e o léxico confuso daquela folha que noticia a abertura do processo falimentar. “Muita novidade duma vez só...”, e assina. “Tem certeza de que leu tudo?”, afável. “Acho que sim. E qual o próximo passo?” Ele pega a via que ela assinou, recoloca na pasta. “A senhorita pode me mostrar a casa?”, olhando na direção da porta que leva à cozinha. (Provavelmente já conhece as dependências do Paddington Sour, provavelmente circulou por ali mais cedo.) “Acho que podemos começar pela cozinha”, e faz sinal pra segui-la. Os funcionários, trabalhando nos pratos que têm de ser preparados antes de abrir o restaurante, interrompem a lida; não disfarçam a apreensão. Narelle prossegue como se não tivesse se dado conta. “Do que exatamente o senhor precisa?” Ele pede licença, tira uma câmera digital da pasta. “Vou registrar umas imagens preliminares, o.k.? Preciso ter uma ideia do que temos aqui. Depois vou identificar item por item e discriminá-lo por escrito, fotografar e estimar um valor... essa é a parte maçante... mas podemos fazer isso à noite, depois que o restaurante fechar, num ritmo mais condizente com a tarefa, se a senhorita estiver de acordo.” Narelle balança a cabeça. E apesar de ter deixado claro que o tal levantamento só aconteceria depois, ele se detém em cada detalhe, abarrotando Narelle de perguntas. O calor da cozinha a faz tirar a camisa de mangas compridas que está vestindo e ficar apenas com a camiseta regata usada por baixo. Neste momento Bruce se detém, os funcionários fazem o mesmo. Ela retribui os olhares, retribui a cada um deles, sem pensar na disparidade das lesões que apareceram em sua pele, cruzando os braços e ordenando a Nick que responda a tudo que o síndico quiser saber. Diz que aguardará no escritório e lhes dá as costas. Quase meia hora se passa até que o síndico surja na porta pedindo licença. Ela pede que entre. Ele expli-

ca que precisa olhar a contabilidade, os diários e registros desde o ano da inauguração. Ela diz que os registros devem estar com o contador. O síndico faz cara de quem não gostou de ouvir aquilo; observa ao redor, tira da parede o quadro pendurado à sua direita, nele está o alvará de funcionamento comercial do Paddington Sour. “Posso?”, pergunta intempestivo. Ela balança a cabeça. Ele senta sem despregar os olhos do alvará. “Desculpe a indiscrição, mas isso na sua pele... não é...”, de modo claudicante, mas em segundo algum perdendo a austeridade. “Psoríase”, ela conclui de pronto. “Tive um colega no tempo em que atuei como oficial de justiça que tinha psoríase. Nunca entendi direito o que era”, ainda sem tirar os olhos do alvará. Ela se apoia numa das guardas da cadeira. “Resumindo? É uma sarna, um tipo de sarna ao contrário... porque não vem de fora, mas do próprio corpo, de dentro pra fora, dos genes. Nenhum médico sabe direito o que é”, acelerando o ritmo, “as células da pele inflamam, começam a se reproduzir exageradamente, se acumulam na superfície até formar essas placas aqui”, e mostra os braços e próximo às orelhas, “e esse avermelhado vai se desmanchando e virando esse miolo de escamação aqui, esse esbranquiçado...”, já notando que o está constrangendo, “e não é só isso... Afeta as articulações, as mãos, as dobras da pele”, sem mudar o tom. “E como você trata?”, ele pergunta. “Cada um tem sua receita. A luz solar é o que mais me ajuda... não funciona pra todo mundo, mas pra mim, sim... pego sol sempre que posso. E tomo zinco, uma dose diária de sulfato de zinco vinte e cinco miligramas, e um calmante natural à base de valeriana pra atenuar o stress e facilitar o sono... dormir bem é importante. E tento evitar gordura, lactose, álcool, açúcar... Tomo bastante água, evito contrastes térmicos, evito roçar e coçar a pele onde estiver machucada... coisas desse tipo, feitas pra tentar melhorar, sem nunca conseguir cem por cento os resultados desejados...”, e se detém, “quando

fico muito mal recorro a uma loção à base dum pigmento retirado duma planta tailandesa rara chamada de índigo nos laboratórios de manipulação. É o meu segredinho. Antes de dormir aplico nas partes afetadas, os lençóis ficam manchados de azul-marinho, mas dá pra lavar, sai fácil com água”, encara-o como se o pouco de sentido que ainda houvesse naquela conversa tivesse desaparecido, pega o controle do ar-condicionado e aumenta em dois graus a temperatura. “Posso ver os arquivos?”, e deixa o alvará sobre a mesa, apontando pro armário de pasta suspensa de quatro portas ao lado de Narelle. “Acho que não”, Narelle responde, seca. “Eu teria de consultar um advogado... consultar meu irmão pra saber que advogado consultar... e não estou conseguindo falar com meu irmão.” O síndico a encara. Os segundos passam. “A senhorita sabe o que está fazendo?” Narelle não responde. “Está obstruindo meu trabalho.” “Olha, não vou impedir o senhor de listar todos os equipamentos e mercadorias do Paddington Sour, mas olhar os arquivos... Sinto muito, eu não poderia autorizar nada sem falar com o Bernard, não tenho permissão... além do quê, não tenho a chave...” Ele se levanta, pendura o quadro com o alvará de volta na parede. “Não tenho outra escolha então. Vou chamar a força policial da área pra me acompanhar no lacre deste arquivo. Ficará interditado até que eu apresente o relatório preliminar ao juiz e ele se manifeste. E já lhe adianto: de um jeito ou de outro, vou acabar sabendo o que tem nesse arquivo. Hoje é quarta. Se encaminhar o relatório até o final da tarde de amanhã posso garantir que a ordem de abertura saia na segunda-feira”, pega o celular do bolso, começa a fazer a ligação. A conversa do síndico pelo telefone é breve. Em menos de quinze minutos, uma dupla de policiais entra no restaurante com um rolo largo de fita adesiva nas cores amarela e preta e uma fiação de aço que Narelle descobrirá se tratar de um par de cintas-cadeado. Os três selam o arquivo de modo a não ser

possível violar os lacres sem que restem vestígios do seu rompimento. Depois o síndico acompanha os policiais até a saída do restaurante, abre a porta, age como se o estabelecimento fosse seu, agradecendo o pronto atendimento, o obséquio. Narelle apenas o segue. Sem tirar os olhos dos policiais que se afastam, ele avisa que agora precisa fazer o levantamento dos bens no apartamento da Ithaca Road. Narelle diz que por ela podem sair naquele minuto. Ele oferece carona, diz que irá de táxi. Ela anuncia que também irá de táxi, num outro táxi, abre a porta e, imaginando com isso estar revidando de alguma forma, sai sem olhá-lo no rosto. Conta até dez, até cinquenta, até cem enquanto caminha duas quadras tentando chegar a uma conclusão sobre o que está acontecendo. Liga mais uma vez pra Bernard. O celular está desligado. Ela prometeu a si mesma não ligar pros pais, tentará manter a decisão que tomou. Caminha a terceira, a quarta, a quinta quadra inteira e então acena pro táxi que está passando. A corrida não leva mais que dez minutos, e logo que o motorista dobra a esquina ela avista o síndico parado em frente ao prédio do apartamento do seu irmão. Diz ao motorista que descerá ali mesmo. Paga, sai. Aguarda um tempo observando-o (há pelo menos uns duzentos metros de distância entre os dois). “Senhor Bruce”, e o saúda com a mão. Ele não retribui o gesto. Ela segura o sorriso e se apressa ao seu encontro.

Quase noite. A água fria do chuveiro bate com toda a pressão contra sua pele. O síndico saiu do apartamento há menos de meia hora. A situação de Bernard é mais séria do que ela imaginava. Pela estimativa inicial, fez questão de saber, seu patrimônio não cobre um quinto das suas dívidas. Encosta a testa na parede, fecha o registro. Não consegue acreditar na forma como ele entrou no apartamento, dedicado como um cão farejador, transtor-

nado pela ausência de testemunhas. Levou menos de cinco minutos pra encontrar o cofre escondido atrás dum armário do quarto que serve de escritório. Perguntou se Narelle sabia a combinação pra abri-lo. Ela balançou a cabeça. Ele disse que não se preocupasse, não chamaria os policiais desta vez, queria só a palavra dela de que não abriria aquele cofre sem que ele estivesse presente. Ela se negou. Então ele segurou firme seu pulso direito. Pediu que lhe mostrasse o celular. Ela obedeceu. Pegou o aparelho, desligou, deixou sobre o tampo da mesa, deu uma olhada ao redor como se procurasse. Pareceu mais jovem e atlético do que antes, mais alto e ameaçador. “Não se preocupe... não vou ser violento... Quero só que você preste bem atenção no que eu vou dizer... A partir deste minuto, deste exato minuto, você vai me respeitar e vai me obedecer... Estamos acertados?” Poderia ter avançado com as unhas contra seu rosto, buscado uma faca na cozinha, gritado, reagido como se não houvesse consequências, mas concordou, apenas concordou. Depois de mais uma hora de trabalho disse estar satisfeito e que chegaria ao Paddington Sour às onze e meia da noite em ponto, destrancou a porta do apartamento por sua própria conta, agradeceu por estarem se entendendo e saiu. Narelle respira fundo, abre a porta do boxe, pega a toalha, vai até o quarto de Bernard, fica se olhando no espelho. Não é possível que esteja acontecendo de novo. Vai até a sala, pega o celular, liga pro Jörg. Ele atende. “Oi. Podemos marcar uma hora pra falar mais tarde pelo Skype? Estou meio ocupado aqui...”, ele diz. “Preciso falar”, ela reage. “O.k. Tenho quinze minutos... Tudo bem? Como está o seu irmão?” Narelle vai até a janela da sala, olha pra calçada sem se importar com a exposição da própria nudez. Conta o que aconteceu com o irmão e pede a Jörg que acione seus colegas na Nova Zelândia porque ela precisa falar com Bernard sem ter de incomodar Frank, o irmão mais velho, nem os pais. Jörg pede mais detalhes

sobre a falência. Ela se atrapalha. Ao pormenorizar o que está acontecendo vai se sentindo envergonhada e desapontada. Bernard fugiu de Sydney, essa é a verdade. Como ele poderia não saber que estava prestes a ser demandado num processo de falência? Ele diz que encontrará Bernard pra ela e, mesmo sabendo que seu celular pode estar grampeado (sempre trabalha com essa possibilidade), começa a contar os contratemplos que está enfrentando em São Luís do Maranhão, um dos lugares cruciais pra suas investigações. Narelle, ainda olhando fixo pra calçada em frente ao prédio, vê quando a menina que a estava observando hoje mais cedo passa ao lado de outra muito parecida com ela em direção ao Beare Park, acompanha até que as duas sumam do seu campo de visão. Jörg pergunta como ela está de verdade e, embora usando palavras diferentes, é quase ao mesmo tempo que ela também pergunta como ele está. Ela fica em silêncio, e ele diz que está melhor. Narelle percebe, no entanto, seu esforço pra causar a impressão de que tudo está sob controle. Ele pergunta sobre os envelopes e o anel, se ela está usando. Ela responde da forma que ele gostaria. Despedem-se da maneira rápida de sempre. Narelle volta ao banheiro, seca-se, vai ao quarto, veste uma das camisas estampadas com a logomarca do Paddington Sour na frente e a palavra “funcionário” atrás que estão empilhadas e ainda dentro dos sacos plásticos que descobriu na vistoria com o síndico, uma calça de malha, a primeira que encontrou, sai do apartamento, caminha até o parque. Nunca esteve ali à noite, é ainda mais agradável que durante o dia, há essas incandescências vindas dos edifícios que o cercam. Narelle avista as duas. Estão perto da mureta-dique que separa o parque da água da baía. Narelle senta sem concluir o que a fez sair do apartamento. A de cabelo mais curto, não a que a observou mais cedo, dá as costas pra baía, apoia-se na barra de ferro da mureta. A que a observou continua na mesma posição. Narelle se inclina, põe

os cotovelos sobre os joelhos dobrados, fica olhando pras rachaduras do asfalto. Os minutos passam. Ela se distrai e só levanta a cabeça quando percebe os vultos na sua frente. “Oi”, diz a de cabelo mais curto, “desculpe se atrapalhamos. Meu nome é Lakini e esta é Anna, minha irmã caçula...” “Oi, eu me chamo Narelle.” Só Lakini está sorrindo. “Desculpe nossa cara de pau”, diz Lakini, “mas minha irmã gostaria de lhe fazer uma pergunta”, e pisca pra Narelle, “uma pergunta que vai parecer estranha, eu sei, mas se ela não fizer quem vai ter que arcar com as consequências sou eu. Então... se você não se importar...” Olha pra Anna, que desta vez não estabelece contato visual. “Pode perguntar...”, e insiste complacente, “pode perguntar, Anna...” Está impressionada com a semelhança entre as duas, embora seja fácil perceber que a de cabelo mais curto é mais velha alguns anos. “Você é escritora? Se for escritora, poderia escrever um livro sobre a vida do meu pai?”, sem modulação e ainda sem olhar nos olhos dela. “Não sou escritora, Anna”, retruca. Lakini pega na mão de Anna, mas a irmã se desvencilha. “Na verdade, não precisa ser escritora, basta saber escrever e querer me ajudar”, insistindo. “Olha, e me desculpe, até hoje ela nunca tinha deixado de aceitar com tranquilidade uma recusa”, diz Lakini. Narelle faz sinal com a mão pra Lakini perceber que está tudo bem. “Mas diz aí, qual é a história do seu pai, Anna?”, cedendo à empatia. Lakini senta ao lado de Narelle, cruza os braços. “Meu pai é pintor de quadros”, balbucia Anna. “E o que mais?”, Lakini provoca. “Ele não mora com a gente.” Narelle fica sem saber como reagir. “Ele tem outra família”, Anna prossegue. “Nossa mãe nos largou e ele casou de novo”, Lakini completa, “casou com uma dessas mecenças adoradoras da arte e das atenções que a arte desperta: nosso pai é famoso, ela é vinte anos mais nova que ele... Ela faz de tudo pra mantê-lo longe do que sobrou da primeira família, no caso nós duas”, e se levanta de súbito, dando a enten-

der que já estão indo. “E você gosta muito dele, Anna?”, Narelle pergunta. “Não sei.” Lakini pega na mão da irmã, Anna se agita. “Ele está morando em Adelaide e, apesar da resistência da nova mulher, vem nos visitar de vez em quando... No Dia da Austrália, por exemplo... Suas visitas no Dia da Austrália são uma espécie de tradição entre ele e Anna...”, e olha no sentido da saída do parque. “Então que bom que o Dia da Austrália está próximo”, observa Narelle, sentindo-se inadequada por estar ali. Novo silêncio. “Bem, acho que nós vamos andando. Foi um prazer... mesmo...”, Lakini solta a mão de Anna e de imediato se levanta. “Lamento sinceramente não poder ajudar.” Lakini acena um tchau e começa a afastar-se. Anna se inclina na direção de Narelle e (como se Narelle estivesse ali unicamente praquilo) a abraça.